A IMPORTÂNCIA DA CONSCIENCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO INFANTIL

ANGELA PAGANINI SANTOS

RESUMO

A consciência fonológica, habilidade essencial que envolve a percepção e manipulação dos sons da linguagem oral, deve ser estimulada desde os primeiros anos escolares por meio de práticas pedagógicas intencionais, pois é fundamental para a alfabetização eficaz, o desenvolvimento da leitura e escrita, e para garantir o sucesso educacional e social das crianças. Para a elaboração desse projeto foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando de 8 artigos científicos na elaboração deste projeto, sendo os objetivos deste investigar como a consciência fonológica pode ser desenvolvida na prática pedagógica, identificar atividades que a estimulem no cotidiano escolar e refletir sobre seus impactos na trajetória de leitura e escrita das crianças. O desenvolvimento e a estimulação intencional da consciência fonológica, especialmente em contextos educativos inclusivos e bilíngues, são fundamentais para melhorar a alfabetização, reduzir desigualdades e favorecer o aprendizado de crianças com diferentes necessidades. Concluindo assim que a consciência fonológica, quando estimulada de forma intencional e inclusiva desde os primeiros anos escolares, é fundamental para garantir uma alfabetização sólida, promover a autonomia na leitura e escrita, e superar desigualdades educacionais.

Palavras-chave: Alfabetização; Educação infantil; Fonologia.

INTRODUÇÃO

O ingresso da criança no universo da leitura e da escrita representa uma das etapas mais significativas e complexas de sua trajetória educacional. Trata-se de um momento em que diferentes habilidades cognitivas, linguísticas, sociais e emocionais se entrelaçam, exigindo uma série de competências que vão muito além do simples reconhecimento das letras do alfabeto. Dentro desse contexto multifacetado, a consciência fonológica desponta como uma das habilidades mais fundamentais, especialmente nos primeiros anos da escolarização. Ainda que muitas vezes negligenciada ou subestimada, essa competência ocupa papel central no processo de alfabetização, sendo reconhecida por diversos estudos como um dos preditores mais confiáveis para o sucesso na leitura e na escrita.

A consciência fonológica pode ser entendida como a capacidade de refletir sobre os sons da linguagem oral e de manipulá-los intencionalmente. Essa habilidade inclui, por exemplo, o reconhecimento de que palavras podem ser divididas em sílabas, que certos sons se repetem em diferentes palavras (como nas rimas), ou ainda que uma palavra pode ser segmentada até chegar aos seus fonemas constituintes. Tais operações mentais, embora aparentemente simples, exigem um nível sofisticado de atenção à estrutura sonora da fala, e servem como base para a compreensão e o domínio do sistema alfabético. Ao desenvolver a habilidade de identificar e manipular os sons da língua, a criança começa a perceber as relações entre o que escuta e o que se escreve, estabelecendo conexões essenciais para a codificação (escrita) e a decodificação (leitura).

Importante destacar que a aquisição da consciência fonológica não ocorre de forma automática nem espontânea. Ao contrário, ela deve ser estimulada intencionalmente no ambiente escolar, sobretudo na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental, por meio de práticas pedagógicas significativas, planejadas e adaptadas às necessidades de cada criança. Atividades que envolvem jogos de rima, aliterações, segmentação de palavras, identificação de sons iniciais e finais, entre outras estratégias lúdicas e interativas, contribuem para tornar o processo de alfabetização mais eficaz e prazeroso. Essas práticas também respeitam o ritmo de aprendizagem individual, ampliando as oportunidades de sucesso escolar para todos os alunos, inclusive aqueles que apresentam dificuldades específicas.

Diante da relevância desse tema, este proje-

to tem como objetivo principal analisar a importância da consciência fonológica no processo de alfabetização infantil, destacando como essa habilidade interfere diretamente na apropriação do sistema de escrita alfabética. Como objetivos específicos, pretende-se: investigar de que forma a consciência fonológica pode ser desenvolvida na prática pedagógica; identificar atividades que favoreçam sua estimulação no cotidiano escolar; e refletir sobre os impactos do seu desenvolvimento precoce na trajetória de leitura e escrita das crianças. Ao compreender os mecanismos que envolvem a relação entre linguagem oral e linguagem escrita, busca-se oferecer subsídios teóricos e práticos para a atuação docente voltada à promoção de uma alfabetização mais eficiente, inclusiva e significativa.

Diversas pesquisas demonstram que crianças com bom desenvolvimento da consciência fonológica têm maior facilidade para compreender o princípio alfabético e, consequentemente, para avançar na leitura e na escrita com mais autonomia e segurança. Por outro lado, dificuldades nesse aspecto costumam estar associadas a obstáculos persistentes na alfabetização, podendo comprometer o desempenho escolar ao longo dos anos. É por isso que a atuação do educador, ao reconhecer a importância dessa habilidade e incorporar estratégias que favoreçam seu desenvolvimento, torna-se essencial na promoção de uma alfabetização mais sólida, inclusiva e significativa.

Dessa forma, compreender a consciência fonológica como um dos pilares do processo de alfabetização infantil é fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que não apenas ensinem a ler e escrever, mas que também formem sujeitos críticos, autônomos e plenamente inseridos nas práticas sociais letradas. Investir na estimulação precoce dessa habilidade, portanto, não deve ser visto como um diferencial, mas sim como uma necessidade educacional básica, capaz de garantir à criança as ferramentas necessárias para o seu pleno desenvolvimento linguístico, cognitivo e social.

DESENVOLVIMENTO

Faria (2019) demonstrou que trabalhar a consciência fonológica, especialmente por meio de atividades focadas nas habilidades silábicas e fonêmicas, pode ser uma estratégia eficaz para alfabetizar crianças com deficiência intelectual. A intervenção psicopedagógica proposta permitiu que a criança não apenas reconhecesse sons e os relacionasse às letras, mas também construísse significado para a escrita, superando a visão inicial de que a linguagem escrita é apenas um conjunto de símbolos sem função. Durante as sessões, Faria (2019) observou uma evolução considerável no desempenho linguístico e cognitivo da criança. Por meio de uma mediação sistemática e intencional, a criança passou a identificar sons iniciais das palavras, manipular sílabas e formar vocábulos com significado pessoal, evidenciando um despertar não apenas técnico, mas também afetivo e simbólico em relação à linguagem escrita. Esses progressos corroboram a perspectiva de Vygotsky, que entende o desenvolvimento das funções psíquicas superiores como resultado da interação entre sujeito e meio, mediada por instrumentos culturais — neste caso, a linguagem.

Por outro lado, a revisão de Medeiros et al. (2020) indica que o bilinguismo, sobretudo quando iniciado na primeira infância, tende a favorecer o desenvolvimento da consciência fonológica em crianças, conferindo vantagens relevantes para a alfabetização. A análise dos estudos selecionados mostrou que, na maioria dos casos, crianças bilíngues superaram seus pares monolíngues em tarefas que envolvem a identificação e manipulação dos sons da fala — habilidades essenciais para a leitura e escrita. Esse desempenho superior foi mais pronunciado entre aquelas expostas a uma segunda língua desde os primeiros anos, reforçando a importância da idade de início da exposição como fator determinante. O tempo de contato com a nova língua e as características fonológicas desta também influenciaram os resultados, sugerindo que ambientes de bilinguismo equilibrados e estruturados favorecem o desenvolvimento de habilidades metalinguísticas mais sólidas. Além disso, a Teoria da Transferência Linguística é utilizada para explicar como as habilidades fono-

lógicas adquiridas em um idioma podem ser positivamente aproveitadas no outro, ampliando a consciência linguística geral.

Vanzo Pestun (2010) aponta que a estimulação sistemática da consciência fonológica na educação infantil pode favorecer a aprendizagem da leitura e escrita nos primeiros anos do Ensino Fundamental, mesmo que os resultados estatísticos não tenham sido significativos. As crianças que participaram do programa de intervenção apresentaram avanços qualitativos mais expressivos nas habilidades fonológicas e na escrita em comparação ao grupo controle, sugerindo que a mediação pedagógica intencional, mesmo em curto prazo, pode gerar impactos positivos no desenvolvimento do conhecimento linguístico. As atividades voltadas à escuta, segmentação e manipulação dos sons da fala contribuíram para o fortalecimento de competências essenciais à alfabetização. A ausência de diferenças estatísticas mais robustas não invalida a eficácia do programa, que se mostrou relevante do ponto de vista pedagógico, especialmente para crianças em situação de vulnerabilidade social e educacional.

Complementando, Freitas e Farias (2024) destacam que o apagamento do /R/ final na escrita é um fenômeno frequente entre crianças em processo de alfabetização, principalmente entre aquelas da rede pública. Essa dificuldade foi mais evidente nos primeiros anos escolares, indicando fragilidade no domínio das regras ortográficas em fases iniciais da aprendizagem. Entretanto, alunos do 3º ano apresentaram avanços significativos, sugerindo que o progresso escolar contribui diretamente para o amadurecimento das habilidades linguísticas necessárias para a escrita correta.

Um dos principais achados do estudo de Freitas e Farias (2024) foi que crianças com níveis mais elevados de consciência metalinguística tendem a cometer menos erros na grafia do /R/ final. Isso reforça a ideia de que a capacidade de refletir sobre a linguagem em seus múltiplos níveis (fonológico, sintático, morfológico e lexical) é fundamental para o sucesso na alfabetização. A relação entre a metacognição linguística e o desempenho ortográfico configura-se, assim, como um fator-chave na construção da competência escrita.

Fontoura Porcellis et al. (2018) demonstram claramente que a estimulação da consciência fonológica pode ser eficaz em populações com desenvolvimento atípico, como indivíduos com síndrome de Down (SD). Após um programa de intervenção adaptado às necessidades cognitivas específicas desses participantes — considerando dificuldades comuns como déficits na memória de trabalho, atenção e linguagem expressiva —, os resultados indicaram melhorias significativas nas habilidades fonológicas, especialmente nos níveis de sílaba e fonema.

Fontoura Porcellis et al. (2019) destacam que, embora ambos os grupos experimentais — com SD e com desenvolvimento típico — tenham apresentado progressos após a intervenção, os participantes com síndrome de Down obtiveram ganhos ainda mais expressivos no nível do fonema, alcançando desempenho estatisticamente superior ao grupo controle. Esse resultado reforça a eficácia do programa e o potencial de aprendizagem de pessoas com SD quando recebem atenção individualizada e adaptações pedagógicas adequadas.

Nogueira e Barbosa (2019) observaram que algumas atividades contemplam elementos importantes da consciência fonológica, como rimas, aliterações e segmentação silábica. Entretanto, muitas dessas propostas são superficiais ou desconectadas da realidade das crianças. A cartilha analisada, por exemplo, segue predominantemente o método silábico tradicional, baseado na repetição mecânica, o que limita o desenvolvimento de habilidades fonêmicas mais complexas e a reflexão crítica sobre a linguagem. Já a apostila analisada mostrou-se mais alinhada a práticas contemporâneas, incluindo jogos sonoros e estímulos à escrita espontânea. Contudo, prevaleceram atividades repetitivas e ditados que frequentemente ignoram a diversidade linguística dos alunos, desconsiderando as variações dialetais presentes na oralidade cotidiana.

Além disso, Freitas e Farias (2024) apontam que o contexto pandêmico agravou desigualdades já existentes no sistema educacional. Alunos da rede privada apresenta-

ram evolução mais consistente ao longo dos anos escolares, enquanto os da rede pública enfrentaram oscilações no desempenho, especialmente no 2º ano, coincidindo com o ápice das restrições impostas pelo ensino remoto. Essa disparidade evidencia como fatores estruturais e o acesso desigual a recursos pedagógicos influenciam diretamente a qualidade da alfabetização.

No entanto, Medeiros (2020) alerta que o bilinguismo, por si só, não garante vantagens fonológicas. Quando a exposição à segunda língua ocorre de forma tardia, descontextualizada ou desequilibrada entre os idiomas, os benefícios podem ser reduzidos ou até prejudicados. Além disso, fatores como nível socioeconômico, escolaridade dos pais, gênero e o tipo de bilinguismo (simultâneo ou sequencial) influenciam os resultados observados. Assim, apesar de divergências na literatura, os achados da revisão sugerem que o bilinguismo, especialmente em contextos bem conduzidos, é um fator potencialmente enriquecedor para o desenvolvimento da consciência fonológica, habilidade fundamental para a aprendizagem da leitura e escrita. Com base nisso, os autores defendem a ampliação do conhecimento sobre a diversidade linguística nas escolas e propõem que esses dados fundamentem práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes, capazes de valorizar e integrar o repertório linguístico diverso das crianças bilíngues no ambiente educacional.

Os estudos de Silva e Godoy (2020) indicam que programas de intervenção que enfatizam o desenvolvimento explícito da consciência fonêmica e a correspondência grafema-fonema promovem melhorias significativas em leitura, escrita e habilidades fonológicas. Esses efeitos positivos foram especialmente evidentes em crianças com risco para dislexia ou já diagnosticadas com o transtorno. Os programas analisados geralmente incluíram atividades lúdicas e estruturadas, como jogos sonoros, leituras guiadas e estímulos multissensoriais, aplicados em pequenos grupos ou individualmente, o que potencializou os resultados. As autoras discutem a dislexia como um transtorno específico da aprendizagem da leitura, marcado por déficits no processamento fonológico, ressaltando a importância da identificação precoce dos sinais de risco. Elas destacam que dificuldades persistentes em habilidades fonológicas, mesmo após intervenção, podem indicar quadros disléxicos, transformando os programas em instrumentos não só pedagógicos, mas também valiosos para triagem e diagnóstico precoce.

Outro dado relevante do estudo de Vanzo Pestun (2010) é o nível inicial reduzido de consciência fonológica das crianças participantes, associado ao contexto socioeconômico desfavorável e à pouca exposição a práticas letradas antes da entrada no pré-escolar. Esse dado reforça a compreensão de que a desigualdade de oportunidades impacta diretamente o desenvolvimento metalinguístico e, consequentemente, as trajetórias escolares, principalmente nos primeiros anos de escolarização.

Zuanetti et al. (2008) evidenciaram a relação entre a preferência dos alunos pelas disciplinas e seu desempenho nelas. Em geral, a afinidade com escrita e aritmética refletia o rendimento nessas áreas, sugerindo que o interesse pode influenciar ou ser influenciado pelo desempenho escolar. A leitura, no entanto, não seguiu essa mesma tendência, indicando que outros fatores estão envolvidos. Foram encontradas correlações fortes entre a consciência fonológica e o desempenho escolar, especialmente em leitura e escrita, demonstrando que a habilidade de refletir e manipular sons da fala é um dos pilares do sucesso acadêmico. Surpreendentemente, até a aritmética — aparentemente distante da linguagem — mostrou-se relacionada à consciência fonológica, sugerindo que habilidades linguísticas contribuem para o desenvolvimento cognitivo mais amplo.

Diante desse cenário, Freitas e Farias (2024) defendem a urgência de incorporar ao currículo escolar práticas sistemáticas que fortaleçam a consciência metalinguística, sobretudo em contextos vulneráveis. Essa estratégia é vista como uma resposta pedagógica eficaz para minimizar os prejuízos ampliados pela pandemia, promovendo uma alfabetização mais equitativa e sólida. Os autores também ressaltam a importância de aprofundar estudos sobre as intera-

ções entre oralidade, escrita e cognição linguística, para subsidiar políticas públicas e práticas docentes ajustadas às necessidades reais dos estudantes.

Nesse sentido, Vanzo Pestun (2010) defende que programas estruturados e contínuos de estimulação fonológica sejam incorporados às práticas pedagógicas da educação infantil, funcionando como ferramenta preventiva contra dificuldades futuras na alfabetização. Ressalta-se ainda a necessidade de formação docente específica para garantir a aplicação eficaz dessas estratégias, além do acompanhamento longitudinal das crianças para avaliar os efeitos duradouros da intervenção precoce.

Fontoura Porcellis et al. (2019) enfatizam a importância de metodologias sensíveis às particularidades cognitivas e comunicativas de populações com síndrome de Down, destacando que a personalização das atividades e a criação de vínculos afetivos durante o atendimento são essenciais para o sucesso da intervenção. Esses cuidados permitem que as limitações orais não sejam um obstáculo ao desenvolvimento das habilidades fonológicas, abrindo caminho para novas formas de expressão e compreensão da linguagem. Reafirmam que, embora a consciência fonológica seja tradicionalmente vista como um desafio para pessoas com síndrome de Down, ela pode ser estimulada com resultados significativos, ampliando as possibilidades de inclusão escolar e social. Além disso, apontam para a necessidade urgente de mais pesquisas específicas e de práticas pedagógicas cada vez mais adaptadas, que valorizem o potencial de aprendizagem de todos os alunos.

Nogueira e Barbosa (2019) também reforçam a importância da formação docente específica em áreas como fonética, fonologia e linguística, destacando que muitos professores carecem desse preparo, o que compromete a eficácia dos métodos de alfabetização. Criticam a desconexão entre o conhecimento acadêmico e a prática escolar, que muitas vezes perpetua abordagens ultrapassadas, baseadas na memorização e uniformização do ensino, desconsiderando as identidades linguísticas e culturais dos alunos.

Zuanetti et al. (2008) sustentam que alfabetização e consciência fonológica são processos interligados e mutuamente enriquecedores: a prática da leitura e da escrita aprimora a consciência fonológica, que, por sua vez, facilita a aprendizagem dessas habilidades. O estudo demonstra que crianças com boa leitura tendem a apresentar mais bem resultados em escrita e aritmética, apontando para uma interdependência das competências escolares. Assim, a consciência fonológica é um componente fundamental para o desenvolvimento acadêmico, e a avaliação e intervenção precoces nas dificuldades fonológicas podem prevenir problemas futuros, promovendo um aprendizado mais eficaz e duradouro.

DISCUSSÃO

A partir da leitura do desenvolvimento do trabalho apresentado, é possível observar como a consciência fonológica se consolida como uma habilidade central para a alfabetização infantil, atravessando contextos diversos e demonstrando sua relevância tanto em cenários típicos quanto atípicos de aprendizagem. A riqueza das pesquisas citadas reforça uma percepção já consolidada na literatura: a alfabetização bem-sucedida exige muito mais do que o simples ensino das letras e seus sons. Trata- se de um processo que deve considerar a complexidade das interações entre linguagem oral e escrita, aspectos emocionais e socioculturais, além das especificidades de cada sujeito em processo de aprendizagem.

Os dados apresentados demonstram que a consciência fonológica é mais do que uma habilidade técnica. Ela funciona como uma ponte entre a oralidade e a escrita, permitindo à criança compreender que aquilo que se fala pode ser representado graficamente. Nesse sentido, é interessante notar como diferentes estudos evidenciam que, quando essa habilidade é estimulada de forma planejada, por meio de práticas significativas, os resultados são positivos em diversas populações — sejam crianças com desenvolvimento típico, com deficiência intelectual ou com síndrome de Down. Isso aponta para o caráter inclusivo das estratégias fonológicas e a sua aplicabilidade em contextos educa-

cionais diversos.
Além disso, o desenvolvimento da consciência fonológica não se mostra dissociado de fatores externos ao ambiente escolar, como as condições socioeconômicas, o acesso a práticas letradas no lar e o tipo de abordagem pedagógica adotada pelas instituições. O estudo de Vanzo Pestun (2010), por exemplo, ao associar baixos níveis iniciais de consciência fonológica a contextos socioeconômicos desfavoráveis, revela o quanto a desigualdade social impacta diretamente nas oportunidades de aprendizado, reforçando a importância da escola como espaço compensador de tais desigualdades.
O bilinguismo também é abordado com a devida complexidade. Ao mesmo tempo em que os estudos apontam para suas possíveis vantagens no desenvolvimento da consciência fonológica — quando iniciado de forma precoce, equilibrada e contextualizada —, também alertam para os riscos de abordagens desestruturadas ou tardias. Esse aspecto reforça a importância de um planejamento pedagógico que considere as características linguísticas do aluno, sem cair em generalizações que desconsiderem suas realidades culturais e sociais.
Outro ponto relevante da discussão é o impacto da pandemia da COVID-19 na alfabetização, destacando como as desigualdades educacionais foram ampliadas no período, afetando diretamente o desenvolvimento de habilidades fonológicas entre crianças da rede pública. Esse cenário evidencia a necessidade de políticas públicas que priorizem o fortalecimento de competências metalinguísticas desde a educação infantil, bem como a capacitação dos docentes para lidar com as lacunas ampliadas no período pandêmico.
A formação docente, aliás, aparece como um eixo transversal nas análises. Fica evidente que, para que as práticas pedagógicas voltadas à consciência fonológica sejam realmente efetivas, os professores precisam estar bem preparados, tanto em conhecimentos teóricos quanto em estratégias didáticas adaptadas à realidade dos alunos. A ausência desse preparo compromete a eficácia das intervenções, como indicam Nogueira e Barbosa (2019), ao denunciarem a permanência de práticas ultrapassadas e descontextualizadas.
Assim, a discussão traz à tona a necessidade de romper com modelos de alfabetização que se sustentam apenas na repetição e na memorização, propondo um ensino mais ativo, crítico e voltado à construção do significado. A consciência fonológica, nesse processo, aparece não apenas como uma técnica, mas como uma via para o empoderamento linguístico da criança, oferecendo-lhe ferramentas para compreender, interagir e transformar o mundo à sua volta. Dessa forma, promover a consciência fonológica desde os primeiros anos de escolarização é apostar em uma educação mais equitativa, significativa e voltada à formação de sujeitos críticos e autônomos.

CONCLUSÃO

A consciência fonológica configura-se como um elemento essencial e transformador no processo de alfabetização infantil, desempenhando um papel crucial para a apropriação do sistema alfabético e para o desenvolvimento das habilidades leitoras e escritoras. O percurso de aprendizagem da leitura e da escrita transcende a simples identificação de letras, exigindo da criança uma percepção profunda e reflexiva sobre os sons da língua, habilidade esta que, quando devidamente estimulada, potencializa a capacidade de codificar e decodificar palavras com autonomia e segurança.
Ao longo dos estudos e pesquisas analisados, fica evidente que o desenvolvimento intencional e sistemático da consciência fonológica por meio de práticas pedagógicas adaptadas às necessidades individuais dos alunos contribui significativamente para a construção de bases sólidas na alfabetização. Essa abordagem revela-se especialmente eficaz para crianças com diferentes perfis de aprendizagem, incluindo aquelas com necessidades especiais, como deficiência intelectual e síndrome de Down, demonstrando que a diversidade cognitiva e linguística não é impedimento, mas sim um desafio a ser superado com estratégias adequadas e suporte especializado.
Além disso, a exposição precoce ao bilinguismo, quando realizada de forma equilibrada

e contextualizada, pode ser um fator enriquecedor para a ampliação das habilidades metalinguísticas, proporcionando vantagens no reconhecimento e manipulação dos sons da fala que se refletem positivamente na alfabetização. No entanto, é fundamental considerar o contexto socioeconômico, as condições de ensino e a qualidade das intervenções, pois estes elementos influenciam diretamente

o desenvolvimento da consciência fonológica e, consequentemente, o desempenho escolar.

Outro aspecto relevante abordado refere-se à necessidade urgente de superação das desigualdades educacionais, evidenciadas e agravadas especialmente no período da pandemia, que impactaram desigualmente o processo de alfabetização entre redes públicas e privadas. Dessa forma, políticas educacionais e práticas docentes precisam estar orientadas para a inclusão e para o fortalecimento das competências linguísticas desde os primeiros anos escolares, garantindo que todas as crianças tenham acesso a experiências pedagógicas que promovam o desenvolvimento metalinguístico de forma efetiva e prazerosa.

Destaca-se também a importância da formação contínua e específica dos educadores, para que estes possam aplicar com segurança e qualidade métodos que valorizem a diversidade linguística, cultural e cognitiva dos alunos. A lacuna entre o conhecimento científico e a prática em sala de aula deve ser reduzida, buscando uma alfabetização que ultrapasse a mera memorização e reproduza a linguagem como instrumento de pensamento crítico e participação social.

Em síntese, investir na consciência fonológica desde os primeiros momentos da escolarização é garantir um alicerce para o desenvolvimento integral da criança, proporcionando-lhe ferramentas para a construção do conhecimento, a comunicação eficaz e a inserção plena na sociedade letrada. Portanto, a promoção de ambientes educativos ricos, inclusivos e sensíveis às especificidades individuais representa um passo indispensável para a formação de leitores e escritores competentes, críticos e autônomos, capazes de enfrentar os desafios acadêmicos e sociais que se apresentam ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

Faria, VC. A consciência fonológica com proposta de intervenção pedagógica como proposta de intervenção psicopedagógica no processo de alfabetização. Ideias & Inovação, Aracaju,v. 5, n.2, p. 67-74, setembro 2019.

Fontura Porcellis, ME; Lorandi, A; Lorandi, M. Estimulação da consciência fonológica na Síndrome de Down. Let. Hoje, v. 53, n. 1, p. 166-176, jan.-mar. 2018.

Freitas, AC; Farias, PPF. A relação entre a consciência metalinguística e o apagamento do /R/ final de palavras na escrita de crianças baianas em fase de

alfabetização em um contexto de (pós) pandemia. Estudos linguísticos e literários, Salvador, n.77, p. 261-289, Jan - Jun 2024.

Medeiros, AC; et al. Bilingualism in the development of phonological awareness skills: an integrative literature review. Rev, CEFAC, v. 22, n. 4, e0320, 2020.

Nogueira, TA; Barbosa, JB. Consciência Fonológica e alfabetização: uma relação presente nos materiais didáticos utilizados pelos professores do ensino fundamental I? DLCV, João Pessoa, Paraiba, v. 15, n. 1, p. 2-28, jan./jun. 2019.

Silva, GF; Godoy, DM. Estudos de intervenção em consciência fonológica e dislexia: revisão sistemática da literatura. Rev educação, PUC-Camp, Campinas, v.25, Ed 204921, 2020.

Vanzo Pestun, MS; et al. Estimulação da consciência fonológica na educação infantil: prevenção de dificuldades na escrita. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 95-104, janeiro/junho de 2010.

Zuanetti, PA; Corrêa Shneck, AP; Silva Manfred, AK. Consciência fonológica e desempenho escolar. Rev CEFAC, São Paulo, v.10, n.2, 168-174, abr-jun, 2008.